

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE GESTÃO EM SAÚDE

Cássius Queiroz Bessa

JOGOS POLÍTICOS NO FUTEBOL
PROFISSIONAL BRASILEIRO

Rio de Janeiro

2012

Cássius Queiroz Bessa

JOGOS POLÍTICOS NO FUTEBOL
PROFISSIONAL BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação na área de Gerência em Saúde.

Orientador: Augusto César Rosito Ferreira

Rio de Janeiro
2012

Cássius Queiroz Bessa

JOGOS POLÍTICOS NO FUTEBOL
PROFISSIONAL BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação na área de Gerência em Saúde.

Aprovada em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

Aborda a construção do cenário político do futebol profissional brasileiro, entre 1987 e 2011, a partir de análises e problematizações de notícias divulgados no site “Lance.net”. Apresenta um estudo sobre os atuais atores do futebol profissional brasileiro a partir de uma visão baseada em quatro componentes fundamentais para a sua organização: os clubes; os investidores; os órgãos futebolísticos; e o torcedor. Relata dois acontecimentos importantes e através deles constrói uma concepção do papel desempenhado por cada um dos quatro componentes e a relação entre os mesmos, são eles: a fundação do Clube dos 13 e a Copa União; e o processo de licitação para venda dos direitos televisivos, a questão política da redistribuição de títulos e a Copa Brasil (Taça das Bolinhas) .

Palavras-Chaves: Futebol. Análise. Política

1- Introdução

Verificando a atual conjuntura política do futebol brasileiro, consegue-se observar um momento nunca antes vivido, com faturamentos de clubes e instituições ligadas à área que há menos de 30 anos atrás eram impensáveis, além de eventos de extrema importância, como as Olimpíadas no Rio de Janeiro e a Copa de 2014 no Brasil. Porém tal momento é marcado em seu centro pela presença de contendas políticas, que muitas das vezes prejudicam o pleno desenvolvimento do esporte nacional, por uma má administração, que abala as relações interinstitucionais, aparentemente em prol de interesses econômicos privados.

Entender o futebol brasileiro fica mais fácil ao analisar-se a atual estrutura política interna do futebol profissional no Brasil, pois se pode perceber a presença marcante de quatro principais elementos: os clubes, os investidores; os órgãos do futebol; e o torcedor.

Primeiramente os clubes, que são organizações que compõem os torneios, aglutinam os torcedores, contratam jogadores, mantêm tradições centenárias e buscam rendas como patrocínio e venda de direito de imagem, para financiar o seu funcionamento, e alcançar o sucesso, que perpassa pela alegria do seu torcedor, inerente principalmente à conquista de títulos e à manutenção das suas tradições.

A segunda parte componente, os investidores, tem papel extremamente importante no tocante à exibição do clube, dos seus patrocinadores e da divulgação do esporte, contribuindo financeiramente ao comprar os direitos de transmissões de jogos e de imagem. Entrando aí, a mídia que desempenha um papel fundamental, ajudando a definir o calendário de jogos dos clubes e pagando direitos de transmissões.

Nessa estrutura futebolística encontramos também os órgãos que se propõem a administrar o futebol nacional, com destaque para a CBF, e o Clube dos 13, tais órgãos organizam as regras dos campeonatos, ajudando os clubes a conseguir patrocínio, prestígio, visibilidades nacional e internacional, definindo cotas de participação na venda dos direitos de transmissões, ajudando os clubes a fecharem patrocínio para os campeonatos e terem um fundo de finanças emergenciais. Nesse componente do futebol nacional, encontramos a estrutura da arbitragem, registros de times de jogadores profissionais, punições e bônus à clubes e jogadores, além de outras medidas para incentivar o futebol.

Por último temos o torcedor, para qual todo o esporte é (ou pelo menos deveria ser) focado, é ele quem sustenta toda a estrutura, sendo o consumidor final do futebol, (afinal, o que são os jogadores e dirigentes desse esporte antes de virarem profissionais, se não meninos e meninas no estádio com a camisa dos seus clubes?).

Porém ao analisarmos as ações que os órgãos de futebol vem tomando, podemos perceber que muitas das vezes, elas não parecem ter base no bem do esporte e do torcedor, mas sim em interesses políticos e financeiros, existentes em toda organização, mas que colocados como prioridade podem prejudicar o desenvolvimento deste esporte.

As intensas divergências políticas começam no ano de 1987, quando surge um novo órgão que se propõem a organizar o futebol, paralelamente à CBF. Entendemos a necessidade do surgimento do Clube dos 13 ao analisarmos que no início do mesmo ano a Confederação Brasileira de Futebol, que organizava os campeonatos até então, se declara sem condições financeiras de realizar um campeonato nacional naquele ano, o que seria desastroso em diversos níveis para todos os clubes, levando até mesmo alguns deles a falência. Foi ai então que os clubes Atlético/MG, Bahia/BA, Botafogo/RJ, Corinthians/SP, Cruzeiro/MG, Flamengo/RJ, Fluminense/RJ, Grêmio/RS, Internacional/RS, Palmeiras/SP, São Paulo/SP, Santos/SP e Vasco da Gama/RJ, fundaram o Clube dos 13, que está presente em diversos momentos na organização do futebol profissional brasileiro.

A escolha do tema se deu por motivos que serão apresentados abaixo:

Certamente o meu gosto pelo esporte foi o principal fator motivacional. Por ser um torcedor apaixonado, típico representante do quarto componente descrito acima, acompanho uma grande quantidade de notícias pelas mídias as quais tenho acesso. Essas notícias, no entanto, nem sempre são coerentes, e deixam o torcedor em dúvida quanto ao que estaria acontecendo com sua paixão – o futebol. Além disto, recentemente percebi (e descobri) que essa mídia é um componente fundamental, mas que nem sempre esteve presente. Sua chegada mais efetiva coincidiu com a fundação de um segundo órgão organizador, “paralelo” ao órgão oficial.

Como podemos observar na polêmica de re-distribuição de títulos (que vai ser explicada no decorrer da monografia) e da taça das bolinhas (idem), existem divergências entre os dois órgãos e também entre os principais clubes que compõem o futebol brasileiro, juntamente com o interesse do torcedor e a influência dos investidores, o que faz com que o quadro do futebol profissional atual seja relativamente complexo, merecendo um estudo mais detido.

Esses fatos aguçaram a minha curiosidade de entender como funciona o futebol, e eu optei por fazer um estudo sobre a política que o perpassa, pois a primeira vista, a política não

deveria intervir no futebol. No entanto, ela surge como um dos mais importantes elementos de uma observação. Percebe-se que a política interna do futebol é muito forte e complexa de se entender; devido a multipolaridade dos fatores, e somente com um estudo mais aprofundado daria uma maior percepção de como se constituiu e como ainda se organiza o futebol brasileiro.

Além disso, o número de estudos, artigos e textos disponíveis sobre a política interna ao futebol é muito reduzido, e os fatos que tiveram intensa influência sobre ela, são em sua grande maioria muito confusos, alguns deles distorcidos pela própria rede de acesso (a mídia).

Assim, torna-se importante um trabalho neste nível para servir de subsídio à compreensão de como foi formado o contexto mais amplo do futebol atual e como está sendo preparado o cenário futuro do futebol profissional brasileiro.

Por último, por ser um fã do esporte, tento levá-lo para todo o lugar possível que freqüente, e na minha escola o esporte em geral tem pouquíssimas formas de incentivo. Espero que com esse trabalho e com outros trabalhos de outros alunos a escola possa se utilizar mais intensamente do esporte, e que muitos alunos dentro dele tenham interesse em trabalhar e praticar.

3 Objetivos

Objetivo geral

Estudar e por em evidência alguns fatos políticos do futebol profissional brasileiro que refletiam/refletem o caráter específico de cada órgão, detalhando eventos que marcaram tal cenário político.

Objetivos específicos

- 1) Discutir o momento de criação do Clube dos 13 e o papel de alguns órgãos do futebol nesse cenário.
- 2) Compreender a atitude de cada órgão e dos principais clubes do futebol nacional frente a divergências e questões políticas.
- 3) Discutir se as atitudes dos que organizam o futebol estão sendo coerentes (sem favorecimento injusto de nenhum clube ou componente do futebol que não seja a torcida).

4 – Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, será feito um levantamento de notícias selecionadas sobre os temas escolhidos e publicadas no site de jornal esportivo “Lance” até os dias atuais serão estudados e evidenciados os seguintes eventos/fatos políticos: A fundação do Clube dos 13 (C13) e a questão política da redistribuição de títulos brasileira e de cotas de televisão que culminou no racha do C13. Com a análise desses eventos, pretende-se perceber como eles se incluem no cenário do futebol, sob o ponto de vista do quarto componente, o torcedor, que será obtido através de levantamentos próprios.

Os eventos acima citados foram escolhido por retratar historicamente o processo de construção do cenário do esporte atual, eles serão postos em evidência e será discutido que contribuição tiveram para a nossa realidade atual. Também será importante destacar o papel e o que fazia cada componente do futebol, quando se sucederam tais fatos, e quais foram as suas contribuições particulares para esses eventos acontecerem.

Após essas duas etapas, provavelmente os dois primeiros objetivos específicos estarão concluídos e, finalmente, com o conhecimento histórico de como e por quem (por qual componente principalmente) tem se organizado o futebol, poderá ser concluído o ultimo objetivo específico, a partir da análise das ações mais recentes desses dois órgãos e a análise das relações que esses órgãos tem com os outros componentes do cenário nacional.

No ano de 1987, os clubes de futebol no Brasil iniciaram o que o jornalista do site www.globoesporte.com, Gustavo Poli, chamou de revolução dos clubes, ano em que os clubes afrontaram diretamente o poder da entidade máxima do futebol, a CBF. Porém a bagunça futebolística que se tornou o ano de 87, teve origem no ano anterior, como afirma o também jornalista, do lance, Mauro Beting, que descreve o conturbado processo de eleição do presidente da CBF, Octávio Pinto Guimarães, assim:

“Tudo começa no início de 1986, quando Octávio Pinto Guimarães, ex-presidente da Federação do Rio, e Nabi Abi Chedid, ex-presidente da Federação Paulista, concorrem à presidência da CBF, em oposição a Medrado Dias, candidato apoiado por Giulite Coutinho, de elogiável atuação, entre 1980 e 1986. A disputa acirrada foi vencida pela oposição. Com uma jogada típica da parelha que assumiria (ou não) o comando (ou não) do futebol brasileiro. Como o estatuto da entidade previa, em caso de empate, a posse do candidato mais velho, o que daria vantagem a Medrado Dias, Nabi e Otávio inverteram a ordem da chapa horas antes da votação. O vice Octávio virou presidente. O presidente Nabi virou vice. E assim venceram. Sem, na prática, precisar da manobra. Ganharam por um voto. 13 a 12. Um voto foi anulado por estar rasurado.” (BETING, 2011)

As eleições foram só uma prévia do que iria acontecer naquele ano. O presidente eleito, Octávio, não cedeu o mandato ao seu companheiro de chapa Nabi, e então coexistiu uma duplicidade de poder que resultou em uma completa bagunça no campeonato brasileiro de 86, em todos os sentidos, desde problemas econômicos a jurídicos, sendo um dos fatores que levaram os clubes a fazerem a revolução no ano seguinte. Embora não apareça dessa forma, o campeonato de 86 foi muito mais complicado que o do ano posterior. Gustavo Poli faz uma breve explicação da estrutura e do que aconteceu naquele ano. Vale a pena transcrever esta explicação na íntegra para não ser perder detalhes da trama.

“Em 1986, a CBF conseguiu (des) organizar o mais bagunçado Campeonato da história (e isso, amigos, é um feito). Era um monstrego com 80 clubes divididos em 8 grupos de 10 – quatro de elite, quatro menos votados. Classificavam-se para a segunda fase os sete primeiros dos quatro primeiros grupos (28 clubes) e mais os vencedores dos grupos inferiores (4). E, para temperar com ácido a feiúra deste rostinho, ali pelo fim da primeira fase uma decisão do STJD [Supremo Tribunal de Justiça Desportiva] (ele já existia) deu ao Joinville pontos de um jogo contra o Sergipe (por causa de doping). O Vasco, eliminado por isso, entrou na justiça comum para cassar a decisão. E conseguiu.

Para evitar uma guerra de liminares, a CBF tentou desclassificar a Portuguesa, por conta de um problema com ingressos. Os clubes paulistas reagiram solidários [à Portuguesa] e ameaçaram boicotar a segunda fase. A entidade máxima, pois, encontrou uma solução salomônico-genial: botar todo mundo pra dentro. A segunda fase passou a ter 33 times. O problema é que com número ímpar de equipes ficou difícil fazer a tabela. A saída foi convidar mais três equipes pela janela – Santa Cruz, Sobradinho e Náutico. Essa vergonhosa zona – no primeiro ano de uma polêmica nova gestão na CBF (a dupla Otávio Pinto Guimarães – Nabi Abi Chedid) – plantou a ‘revolução’ do ano seguinte. No fim, o São Paulo foi campeão, derrotando o Guarani de Ricardo Rocha em Campinas e nos pênaltis. O América-RJ ficou em terceiro (depois de eliminar o Corinthians) e o Atlético-MG em quarto. O detalhe a observar: antes do Campeonato, e por pressão dos clubes, o Conselho Nacional de Desportos (CND) e a CBF acertaram que 1986 seria ‘classificatório’ para 1987. Dos 44 times dos módulos de ‘cima’ do torneio – 24 seriam classificados para a primeira divisão do ano seguinte. A confusão jurídica implodiu essa combinação – e evitou que dois times grandes disputassem a segunda num suposto campeonato de 1987 (Botafogo e Coritiba)”. (BETING, 2011).

Em termos práticos o que se sucedeu foi um campeonato extremamente grande. O campeonato brasileiro atual, com 20 clubes, já é criticado por diversos jornalistas, jogadores e profissionais do ramo devido a sua extensão; um com 80 clubes, como foi o de 86, teve efeitos jurídico e econômico desastrosos, praticamente pondo por água a baixo toda credibilidade do torneio. O principal reflexo de tal evento só poderia ser visto no ano seguinte, quando a CBF se declara incapaz de organizar o campeonato; o motivo: falta de recursos financeiros para arcar com as despesas das viagens.

Sim. É bem verdade que o campeonato brasileiro de 86 foi um dos fatores que levaram os clubes a se rebelarem contra a CBF, porém ao analisarmos a situação daquele ano, percebemos que esse episódio foi apenas o estopim para iniciarem a sua luta, buscando a autonomia política, já que o futebol ainda estava atrelado ao Ministério da Educação pelo Conselho Nacional dos Desportos. O jornalista do “Balípedo” explicita o objeto de luta dos clubes na época:

“Enquanto a CBF estava à deriva, os clubes já se organizavam para fazerem valer seus interesses. No caso, a maior preocupação era fazer lobby para incluir na pauta da Assembléia Constituinte um artigo que lhes desse autonomia de organização e funcionamento. A campanha foi bem sucedida e a união de clubes ganhou força. Em abril de 1987, Flamengo e São Paulo se

negaram a ceder seus jogadores para uma excursão da Seleção Brasileira à Europa e tiveram respaldo do CND. Márcio Braga, presidente do Flamengo na época, saiu da reunião que anulou a convocação da Seleção dizendo, triunfante, que era o ‘fim do autoritarismo no futebol brasileiro’ ”. (BETING, 2011).

Em junho de 1987, Octávio Pinto Guimarães anunciou: “a CBF não tem condições de organizar o Campeonato Brasileiro deste ano”. O motivo era a falta de dinheiro para arcar com as viagens dos times e outras despesas da competição. Sob o risco de ficar sem a competição que já era a mais importante do calendário, os grandes clubes resolveram tomar as rédeas da situação. ‘Liguei para o Nabi e perguntei se era sério o que o Octávio falava. Ele disse que era e ‘deu a bênção’ para que organizássemos o campeonato se quiséssemos’, conta Carlos Miguel Aidar, presidente do São Paulo e do Clube dos 13, à época. ” (BETING, 2011).

A idéia dos clubes de organizarem um campeonato parecia especialmente boa para a conquista de uma maior autonomia política, já que estariam organizando aquilo que iriam disputar, caracterizando a ingerência do primeiro (clubes) componente no terceiro (órgãos). Mas mesmo com todos os problemas, a CBF tentava se articular para tentar organizar o BR-87, tentando buscar financiadores e patrocinadores (2º componente) para conseguirem por o campeonato para funcionar. Porém o problema não era puramente financeiro, tramitavam na justiça, tanto esportiva quanto na comum, vários processos de clubes que tentavam garantir sua participação no campeonato de 87.

Como parte da articulação dos grandes clubes do futebol brasileiro começaram para garantirem os seus interesses, eles começaram a organizar o campeonato do ano. Foi de uma reunião no Morumbi entre os principais das regiões brasileiras, (sendo os quatro maiores do Rio de Janeiro, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, os quatro maiores de São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo, os dois grandes do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional, e o grande do nordeste, Bahia, e os dois grandes de Minas Gerais, Atlético-Mg e Cruzeiro). Que foi fundada em 11/07/1987, a União dos Grandes Clubes Brasileiros, mais conhecida como Clube dos 13 (C13), cujo presidente era Juvenal Juvêncio, também presidente do São Paulo. O C13 tinha como proposta em seu momento de fundação os seguintes tópicos:

1. BR-87 com 13 clubes, com turno e retorno, campeões se enfrentam em finais com o time que fizer mais pontos, num triangular. (Modelo semelhante ao campeonato do Rio de então).
2. C13 abre mão da verba da Loteria Esportiva em 1987 – principal fonte de receita na época.
3. Querem Divisão A com 16 clubes em 1988. Divisão B com 16. Série C regionalizada. Acesso e descenso entre as divisões a partir de 1989. (No máximo aceitam 20 clubes na primeira divisão em 1988).
4. Diminuir o número de clubes nos nacionais e estaduais a partir de 1988.
5. Jogos só no fim de semana em 1988. No máximo cinco rodadas nas quartas-feiras
6. Conselho Arbitral nas séries A e B. Conselho dos clubes decidiria fórmulas de disputa dos campeonatos – uma novidade aprovada um ano antes pelo CND.
7. Só os clubes votariam nas eleições na CBF – os presidentes das federações estaduais compunham o colégio eleitoral até então. Resultando em um aumento de poder do primeiro componente sobre o terceiro
8. Voto qualitativo – determinado pela classificação das equipes nos campeonatos. Desse modo, teoricamente, os grandes clubes de maior torcida (quarto componente) poderiam ter maioria de votos contra os clubes menores.
9. Convocação de jogadores para a Seleção Brasileira de Futebol seria facultativa, e clubes teriam de ser previamente consultados antes da divulgação da lista pla CBF.
10. Calendário planejado e fixo a partir de 1988

[\(BETING, 2011\).](#)

Com a necessidade de se realizar o campeonato nacional, já que este era uma das principais fontes de receita para os clubes, e com a CBF falida financeiramente, este papel coube ao C13, porém o caminho desse órgão haveria de ser bem mais difícil do que se esperava. Cerca de três dias após a sua fundação, o Clube dos 13 começou a sofrer as suas primeiras rejeições: A Caixa Econômica decide não incluir o campeonato que seria organizado pelo órgão, os clubes pernambucanos também são contrários a essa ideia, assim como o América do Rio de Janeiro e a Portuguesa, juntamente com o Guarani, em São Paulo.

A idéia de 13 clubes organizando boa parte da estrutura e mecânica do futebol em nível nacional assustava os outros clubes, de pequena e média expressão no país, primeiramente pela estranheza ao fato de que quem organizaria o campeonato que seria disputado seriam os seus próprios adversários, e ainda, sem sua participação plena. Além disso, havia o risco dos clubes médios e pequenos serem excluídos do torneio e não terem sua participação política levada em conta, risco que realmente se confirmou, visto que o C13 pretendeu organizar um campeonato somente entre si, excluindo todos os demais clubes.

Em face da pressão dos clubes que não faziam parte do C13, a CBF, antes declarada falida, resolve intervir na organização do BR-87, com a ameaça de desfiliação da CBF, aos clubes membros do C13. Tal atitude possivelmente foi motivada por dois fatores: o primeiro a pressão que os demais clubes exerciam sobre a CBF para pudessem também disputar o torneio, e o segundo que a CBF começava a ver no campeonato a ser disputado como uma fonte de receitas através do patrocínio.

Para enfraquecer politicamente o C13 e tomar a frente na organização do campeonato nacional a CBF tenta obrigar os clubes a cederem seus jogadores para o torneio Pan-Americano; além disso, começava a organizar um campeonato paralelo. Na verdade, este campeonato, segundo a Confederação Brasileira de Futebol, que seria o oficial. Contava com 32 clubes dispostos em dois módulos (grupos) de 16 times, sendo o verde correspondente a primeira divisão, composto pelos membros do C13 e mais três clubes: Santa Cruz (Pernambuco), Coritiba e o Goiás. O campeão do torneio seria definido após um cruzamento entre os dois primeiros colocados de cada módulo.

Os membros do C13 se recusaram a ceder jogadores para o Pan-Americano. Mas sob o risco de ver toda sua ideia ir água abaixo, o C13 se viu obrigado a aceitar as imposições da CBF sobre os times presentes no campeonato de 87, mas inicialmente não concordava com o cruzamento dos módulos, e por esse motivo, após uma reunião entre os membros do C13 na Gávea (sede do Flamengo), o C13 anuncia que não fará parte do torneio organizado pela CBF.

A organização do futebol brasileiro estava ficando mais clara: De um lado o Clube dos 13, com os principais clubes do Brasil, dispostos a organizarem um campeonato sobre as suas regras, porém com muitas rejeições políticas, desde praticamente a totalidade de quase

todos os outros clubes, a rejeições estaduais de federações esportivas e o Conselho de Arbitragem; de outro lado a entidade máxima do futebol brasileiro, a CBF, com apoio de quase todos os outros clubes e federações, mas por outro lado, os treze maiores clubes do país haviam declarado que não iriam participar de um campeonato que não fosse nos seus moldes.

Depois de cerca de um mês de discussão, o Clube dos 13 e a CBF finalmente chegam a um acordo sobre os moldes do BR-87, que seria batizado mais tarde de Copa União: seria um campeonato de quatro módulos, o módulo amarelo contendo os 13 clubes do C13 e três convidados, Santa Cruz, Coritiba e Goiás. O módulo verde foi considerado a segunda divisão na época. O Campeão da copa união se daria ao vencedor do módulo amarelo, já as vagas na Libertadores seriam resultantes de um cruzamento entre os dois segundo lugares dos módulos amarelo e verde.

A princípio a fórmula pareceu ser simples e sem complicações, porém durante o campeonato sucedeu-se uma bagunça generalizada, contando com boicotes em diversos momentos, que serão discutidos mais à frente, na maioria das vezes tentando atender a objetivos particulares, tanto financeiros como políticos. Além disso, o fraco regulamento que seria confeccionado em comum acordo do C13 com CBF era falho e abria margens para múltiplas interpretações. Outro motivo foi à entrada do segundo componente da estrutura do futebol: os investidores.

Hoje esse componente já está inserido no futebol nacional, sendo peça extremamente importante para a existência do futebol brasileiro, porém foi na Copa União a primeira vez em que os investidores entraram de vez no futebol, e essa experiência (que traria frutos mais tarde e remodelaria a estrutura do futebol) foi bastante conturbada.

Um dos principais (e mais polêmicos) investidores na época foi a Rede Globo de Televisão. Ela comprou os direitos de transmissão da Copa União (os membros do C13 tiveram direito a uma parte, já os três clubes convidados à meia parte), e compôs boa parte da renda dos clubes do módulo verde, porém causou muitos problemas.

Os elencos (atletas, técnicos, médicos, preparadores, em suma, material humano) dos clubes do módulo verde eram melhores do que o do amarelo; em consequência, o nível técnico nos jogos entre os times do módulo verde tendia a ser melhor, e como os dois

módulos muitas vezes jogavam no mesmo horário e a Globo transmita os jogos ao vivo, os clubes de menor expressão, principalmente o Sport Clube Recife, pressionam a CBF para que a transmissão não acontecesse.

Por outro lado foram os próprios investidores que viabilizaram o financiamento o campeonato. A Rede Globo e a Othon (rede de hotéis) financiaram o evento com dinheiro vivo e a empresa de vôos Varig, patrocinou o evento com 50% de desconto em todas as passagens aéreas.

Com praticamente tudo pronto, o regulamento do campeonato abria espaço para mais uma polêmica: a subida de clubes do módulo amarelo para o módulo verde, e a queda de clubes do verde para o amarelo. A polêmica esfria com mais um combinado, em que os 6 primeiros do módulo amarelo se juntariam aos 12 primeiros do verde, e o 13º e 14º disputariam uma competição mata-mata (jogos de confronto direto, o time que perder é eliminado) contra o 7º e 8º lugares do módulo amarelo, completando assim 20 clubes, proposta inicial do C13 para a primeira divisão do campeonato nacional.

Para acabar, ou pelo menos tentar, com toda a polêmica, o C13 se reúne e então confecciona enfim o regulamento oficial da competição, onde os pontos em destaques eram o não cruzamento dos primeiros colocados de cada módulo para definição do campeão, apenas dos representantes do Brasil na competição continental Libertadores da América. Além disso, o regulamento apontava que não haveria rebaixamento dos clubes do módulo verde, porém os quatro primeiros colocados do módulo amarelo disputariam a primeira divisão (verde) juntamente com os 16 clubes do outro módulo (amarelo).

Finalmente a Copa União começava, e apesar de muito protesto contra os jogos televisionados, a Globo transmite ao vivo as partidas. Os clubes do módulo amarelo pressionam cada vez mais a CBF para que coibisse a transmissão de partidas ao vivo no mesmo horário de seus jogos, fato que tensionava cada vez mais a relação entre a CBF e o C13 (intermediada entre os presidentes da CBF e Eurico Miranda, presidente do Vasco da Gama), e apesar do regulamento oficial divulgado pelo Clube dos 13, os clubes do módulo amarelo continuavam a pressionar a dita “entidade máxima” do futebol brasileiro para o cruzamento dos dois primeiros de cada módulo (verde e amarelo) para definir o campeão nacional. Tanto que sete dos oitos jogos marcados para a primeira rodada do campeonato não

aconteceram pelo não comparecimento dos clubes (W.O), os mesmos declaravam que precisavam do conhecimento exato do complicado regulamento do campeonato para poderem finalmente jogar. A CBF se manifestou contra o fato, com uma ameaça de multa, atitude apenas ilustrativa, já que dificilmente a ameaça se concretizaria já que caso punisse os clubes do módulo amarelo, perderia por quase que completo o apoio político.

O cenário dava a entender que a pendenga entre a decisão sobre o campeão da Copa União ia se arrastar por muito mais tempo. Até que aconteceu uma reviravolta até hoje inexplicável, talvez algo que talvez só aconteça no meio futebolístico. Eurico Miranda, membro do C13 e presidente do Vasco da Gama, assinava um acordo com a CBF que declarava que o campeão seria o vencedor do cruzamento que os times do módulo amarelo tanto queriam. Tal decisão pegou de surpresa todos os times, e principalmente o Clube dos 13. Tal atitude fez com que Eurico fosse acusado pelo C13 de estar fazendo jogo duplo entre os dois órgãos, já que em tese era membro do Clube dos 13 e legitimou o cruzamento entre o módulo verde a amarelo para definir o campeão brasileiro do ano. “Estranhamente” ela não causou nenhum grande atrito entre os membros do C13. Talvez a atitude de Eurico tenha sido feita para baixar a poeira e diminuir um pouco a revolta dos clubes. Mesmo os membros do C13 tendo manifestado sua opinião negativa sobre o assunto, a estrutura interna e o relacionamento entre os membros desta entidade, se mantinham praticamente iguais. O C13 internamente não reconhecia o documento assinado por um membro da organização, mas provavelmente deixava o assunto quieto, para ver se o tempo resolveria.

A rixa entre os dois órgãos crescia muito nesse momento, dessa vez, motivada pela questão da definição do campeão nacional naquele ano. Concomitante a isso, o Clube dos 13 ganhava mais um aliado em sua campanha na Copa União: Octávio Pinto, que fazia parte dupla direção da CBF com Nabi Abi, por começar a discordar do cruzamento entre o os clubes e quem deveria administrar a relação entre os mesmos: a CBF. De um lado estavam a CBF (3º componente) e os clubes de pequena e média expressão nacional (parte do 1º componente), a maioria deles no módulo amarelo, e do outro, estava o Clube dos 13, juntamente com os patrocinadores, principalmente a Rede Globo.

E para complicar ainda mais a situação no campeonato, surge mais um embate, referente aos horários dos jogos. Para evitar a coincidência de horário com os jogos do

módulo verde, a CBF marca os jogos do módulo amarelo para 18 horas. Porém a Globo, nesse horário, tinha outra atração com IBOPE alto, “Os Trapalhões” e para não ser prejudicada, forçava os clubes a jogar uma hora mais cedo. Os clubes certamente desejavam atender às solicitações de seus patrocinadores. Por outro lado a CBF queria atender as solicitações de não haver coincidência de horários dos clubes menores. Abrimos parênteses para comentar que a arbitragem está submetida a comando direto da CBF, e é ele quem dá início a partida, por isso os clubes se viam obrigado a acatar a CBF. Com isto os jogos começaram aos 18h. Podemos perceber que esse fato caracteriza-se como a primeira tentativa de interferência direta na organização de campeonatos nacional do segundo componente, os investidores, nesse caso, sendo representado pela Rede Globo.

Esses conflitos atingiam o torcedor de forma mais severa. O jogo Palmeiras x Santos, no dia 20 de setembro, por exemplo, que foi marcado pelo C13 para as 17h, horário em que os times entraram em campo, foi iniciado apenas as 18h. Na ocasião, a torcida- provavelmente grande por ser um clássico- ficou esperando até o momento de início de jogo. A cena se repetiu em todos os outros jogos do módulo verde, menos em um: o famoso árbitro e hoje comentarista de arbitragem da Rede Globo, Arnaldo César Coelho início o jogo às 17 horas. No outro módulo, os jogos desta data aconteciam normalmente.

Foi necessário então ratificar finalmente o regulamento da competição, pelo qual, estaria definido que o cruzamento dos dois primeiros colocados de cada módulo, iria definir o campeão nacional naquele ano e os representantes no torneio continental Copa Libertadores da América. Obviamente que o regulamento não foi bem aceito no Clube dos 13, que permanecia questionando a sua autenticidade, dessa vez argumentando que o regulamento foi mudado com a competição em andamento.

Concomitantemente com isso buscava uma maior independência financeira, fechando acordos com vários patrocinadores, como a Dove, e a Editora Abril, o acordo mais polêmico foi o com a Coca-Cola. O C13 estamparia o logo da empresa na marca na marcação do meio de campo dos estádios e um outro com a editora Abril, para que fosse confeccionado um álbum de figurinhas. O “detalhe” é que a FIFA proíbe a exposição de marcas dentro do espaço de campo de jogo, e seria necessário pintar o gramado dos estádios, mesmo alguns deles sendo pertencentes ao poder público. Ciente a isso, a FIFA adverte a CBF e proíbe, ela mesma, tal prática. O C13 então tenta dar um jeitinho para resolver o problema: Pintar o logo

da Coca-Cola na rede dos gols, ideia parcialmente adotada já que somente alguns clubes estádios pintaram o logo da Coca em seu meio de campo, entre eles o Morumbi (São Paulo), Couto Pereira (Curitiba) e Mineirão (Belo Horizonte), a maioria dos estádios não foram pintados após a descoberta que isso também não era permitido pelas regras da FIFA e pelo fato de que muitos estádios pertenciam ao poder público e não aos próprios clubes. A solução foi pintar o logo atrás dos gols, fora do campo de jogo, e logo um teste de visibilidade era feito, apesar da Coca-Cola aceitar pagar apenas 50% do valor estipulado.

Visto a dificuldade dos clubes com um acordo com a Coca-Cola, a Pepsi-Cola, empresa concorrente, tenta seduzir alguns clubes, para firmarem um acordo com ela, tendo sucesso apenas com o Sport Clube Recife.

A Copa União prosseguia, e apesar de todas as contrariedades políticas e uma relativa queda de audiência, era segundo pesquisas do IBOPE, líder de audiência na maioria das oportunidades em que jogos do torneio eram transmitidos, vencendo adversários importante nas telinhas como o programa de musical Milk Shake da Rede Manchete, comandado pela Angélica Ksyvickis e o programa de auditório do SBT estrelado por Sílvio Santos, refletindo a paixão nacional pelo futebol e a força do quarto componente .

Os clubes do módulo azul e verde, que na prática seriam a terceira divisão, formam, ou pelo menos tentam formar, o Clube dos 8, se negando a disputar seus respectivos módulos. A tentativa de motim foi rapidamente neutralizada pela CBF com a promessa de punições caso os times não concordassem em jogar. Pelo módulo amarelo, somente o América do Rio de Janeiro, havia desistido de vez do torneio e passara a fazer amistosos pelo país.

O campeonato já chegara em sua reta final, e a pendenga do cruzamento ou não para definir o campeão dos módulos voltava à tona com força total, colocando novamente a discussão em pauta. Dessa vez, ela ficou com caráter inadiável, já que um possível jogo teria que acontecer em breve. Os quatro melhores colocados de cada grupo iriam disputar uma semifinal e em seguida a final de seus respectivos módulos: no verde, o Flamengo ganhou do Atlético Mineiro por 1x0 no Maracanã e em seguida por 3x2 no Mineirão. O Internacional empatou de 0x0 com o Cruzeiro no Beira-Rio (Rio Grande do Sul) e ganhou de 1x0 no Mineirão. No amarelo, Sport perdeu o jogo para o Bangu no Estádio Moça-Bonita (Rio de Janeiro) por 3x2, mas venceu o jogo na Ilha do Retiro por 3x1. O Guarani empatou com o

Atlético Paranaense por 0x0 no Couto Pereira (Paraná) e venceu no estádio Brinco de Ouro (Campinas) por 1x0. A decisão do módulo verde ficou por conta de Flamengo x Internacional e do módulo amarelo Sport x Guarani.

No jogo no Beira-Rio a equipe carioca empatou com um a um com a equipe gaúcha, já no jogo no Maracanã, o Flamengo venceu por 1x0 o Internacional. Para o povo brasileiro, jornais, e claro, para o Clube dos 13, com o resultado o Flamengo e sagrava campeão nacional do campeonato de 1987, porém, a CBF considerava o Flamengo campeão apenas do módulo verde; para a entidade, o campeão nacional só seria definido pelo cruzamento dos dois primeiros colocados de cada módulo, conforme o regulamento que havia sido proposto desde o acordo entre Eurico (representando o C13) e a CBF.

Na final do módulo amarelo, mais duas polêmicas: no falho regulamento produzido pela CBF havia brechas para que o primeiro colocado do módulo amarelo pudesse levar os jogos para os pênaltis, caso acontecesse uma vitória para cada time, mesmo que com placar diferentes, o que de fato aconteceu. No jogo em Campinas o Guarani ganhou de 2x0 do Sport. Na Ilha do Retiro foi a vez do Sport vencer por 3x0, então jogo foi para os pênaltis. A disputa inacreditavelmente terminou empatada em 11 a 11, com os dois clubes se recusando a continuar a disputa.

Para tentar resolver ou pelo menos camuflar o problema, foi convocado um Conselho Arbitral para se decidir se haveria ou não a cruzamento dos módulos. O Clube dos 13, se beneficiando do voto qualitativo (uma das propostas do início do C13), instituído no Conselho, consegue vencer por maioria dos votos, se posicionando contra o cruzamento entre os módulos. Porém a CBF, ignora o resultado do conselho e marca os jogos de definição do Campeonato Nacional de qualquer maneira.

O Flamengo consegue um liminar na justiça do Rio de Janeiro que em tese daria o direito de não contra o Guarani, até uma definição sobre tal questão, logo o time do Flamengo não comparece ao jogo. A CBF então declara o Sport Recife campeão nacional do ano de 1987 (mesmo antes de jogar contra o Guarani, o jogo seria disputado alguns dias depois, o jogo no Brinco de Ouro terminou em 1x1 e na Ilha do Retiro o Sport ganhou por 1x0) os dois

finalistas do módulo amarelo foram os representantes do Brasil na Libertadores, já que é a CBF quem os indica.

É válido lembrar que processos ocorridos na justiça comum são condenados tanto pela FIFA tanto pela CBF, devido à, entre outros motivos, a facilidade de que um time conseguiria vantagem na justiça de seu estado sobre outro de outra localidade, tanto que veremos ao longo do texto que o Sport Recife mais tarde conseguiria uma liminar em Pernambuco, declarando-o como único campeão brasileiro de 1987.

A polêmica Copa União finalmente chegava ao fim, com uma polêmica sem solução até hoje: Quem foi o verdadeiro campeão do brasileiro? Pode-se dizer que legitimamente foi o Sport, mas o campeonato foi tão confuso, com todos os clubes buscando quase sempre o interesse individual e com tantas reviravoltas e boicotes que a legitimidade do campeonato deve ser questionada. Do ponto de vista do torcedor o campeão foi o Flamengo, porém a supremacia popular não deve ser levada em conta já que a torcida do time do Rio é bem maior que a do Sport, como a passionalidade da torcida pode torna-la incapaz de fazer um julgamento justo, o título do Flamengo também deve ser posto em dúvida.

O ano de 1987 ficou marcado no futebol brasileiro. Não apenas pela Copa União, mas porque a partir dela as relações quatros componentes do futebol sofreram alterações. O primeiro componente e o terceiro ficaram mais aglutinados e juntos, o que resultou em uma maior participação dos clubes nas políticas internas do futebol brasileiro. O quarto componente deixou o papel de apenas espectadores do futebol e passou a ser consumidores de todo espetáculo, ou seja, quem o segundo componente deseja atingir. O primeiro componente entrou em relação de dependência do segundo, sente o segundo responsável por boa parte das finanças do primeiro. Ou seja, o torcedor passou a ter um poder indireto absurdo no cenário político, porém, com papel de consumidor, e não com participação ativa em tomadas de decisões, nesse quesito, o torcedor tem pouca influência sobre os demais órgãos.

Do episódio citado no ano de 1987 até o ano de 2011 não tiveram episódios significativos para a compreensão de nosso trabalho. Neste ano, as mudanças no cenário político ficam bastantes claras, mostrando como está configurada a política no futebol nacional e como os componentes do futebol estão inseridos nele.

CÁPITULO II: Nova organização no Futebol

No início do ano de 2011, uma preocupação veio á tona: o contrato de transmissão de jogos com a Rede Globo estava se encerrando, então novamente a preocupação em que rede de transmissão os clubes iriam exibir suas marcas, voltava a aparecer entre os clubes. Nesse momento os investidores tinham função vital na estrutura do futebol, sendo uma das principais rendas de maioria dos clubes de elite do Brasil. Além disso, os clubes tinham a preocupação com o torcedor e a qualidade do serviço prestado. Se isso por si só, já causa preocupação, o momento de negociação com as empresas da mídia brasileira foi muito próximo ao período de eleições no C13, e foi nesse período, que a CBF, decidiu tentar aumentar a sua influência dentro do Clube dos 13, apoiando a candidatura à presidência da entidade de Kleber Leite que disputava com o candidato a reeleição do então presidente Fábio Koff, que se sagraria novamente presidente da entidade.

O cenário político do futebol brasileiro tinha mudado desde 1987, bem como as regras e funcionamento do órgão fundado nesse mesmo ano. O C13 agora era composto por 20 clubes filiados, além dos 13 iniciais, estão incluídos: Atlético Paranaense; Coritiba, Goiás, Vitória, Sport Recife, Guarani e a Portuguesa. O presidente do mesmo não poderia exercer mais cargo em nenhum clube como era anteriormente, para não favorecer ou desfavorecer esse ou aquele clube. O então presidente do C13, Fábio Koff, tinha o apoio da maioria dos times, porém a CBF começava se articular para garantir que o seu candidato fosse eleito.

A CBF, agora presidida por Ricardo Teixeira, começou uma política de redistribuição de títulos tentando alavancar apoio para o seu candidato, Kleber Leite, iniciando um processo para reconhecer como títulos brasileiros os campeonatos nacionais disputados entre 1959 e 1970, além disso, o presidente e candidato à reeleição acusara a CBF de comprar votos, cedendo empréstimo a alguns clubes, como por exemplo o Botafogo.

Os clubes beneficiados pelo reconhecimento dos títulos foram o Santos (6 títulos), Palmeiras (4 títulos), além de Fluminense, Botafogo, Bahia e Cruzeiro (1 título cada). Apesar dessa atitude importante e nobre para o futebol brasileiro, legitimando conquistas importantes de grandes ídolos do futebol brasileiro (o Rei Pelé, por exemplo, não era considerado campeão nacional), seu caráter político foi mais evidenciado e apontado pela mídia, a medida então não foi muito bem legitimada pelo público e pela imprensa, que ainda fazem a contagem de títulos nacionais sem incluir os títulos reconhecidos pela CBF.

A Copa Brasil, popular Taça das Bolinhas, foi um prêmio criado em 1975 pela Caixa Econômica Federal que seria destinada ao primeiro penta-campeão nacional ou ao clube que fosse campeão três vezes seguidas.

Oficialmente reconhecido pela CBF, o primeiro penta-campeão nacional foi o São Paulo, com os títulos de 1977, 1986, 1991, 2006 e 2007, mais tarde o time paulista ainda conquistaria o tri seguido no ano de 2008, no ano seguinte o Flamengo foi o clube que se sagrou campeão, pela quinta vez de acordo com a CBF (já que o suposto título de 1987 não foi considerado) e pela sexta, de acordo com a mídia e os torcedores do clube. O título de 2009 serviu apenas para reascender a polêmica, já que caso a CBF considerasse o campeonato de 1987, primeiro clube penta-campeão seria o Flamengo, com os títulos de 1980, 1982, 1983, 1987 e 1992.

O título da Copa União do Flamengo em 1987, não foi considerado pela CBF nessa nova contagem, e logo a entidade destinou a Taça das Bolinhas para o São Paulo, porém o Flamengo, conseguiu uma liminar na Justiça do Rio de Janeiro, obrigando que o time paulista devolvesse a taça para a Caixa, e assim foi feito, apesar da Justiça Comum não ter muita influencia nas decisões da Justiça Esportiva. A CBF se aproveitava desse fato para deixar a situação da Taça das Bolinhas indefinida, para assim não perder apoio desses dois clubes que tem grande força nacional.

Semanas depois, como tentativa de seduzir o clube, a CBF declara que o título de 1987 também foi conquistado pelo Flamengo, juntamente com o Sport Recife, reconhecendo o time carioca como hexa-campeão, e primeiro penta. Mas antes que o time da Gávea pudesse por as mãos na Taça das Bolinhas, o clube pernambucano conseguiu uma liminar na Justiça

do estado de Pernambuco, para que seja o único campeão nacional do torneio de 1987; Então a CBF retirou o reconhecimento do título, porém não deu um destino definitivo à Taça das Bolinhas.

Concomitante a essa eleição, estava aberto pelo C13 um processo de licitação para a venda dos direitos de transmissão ao vivo dos jogos do triênio de 2012 a 2014, e como acontece quase sempre, quando assuntos políticos se misturam a econômicos, houveram duas disputas: a primeira entre a Rede Globo e a Record, para a compra dos direitos de transmissão, porém, por incrível que pareça, uma segunda e maior disputa foi justamente entre as partes mais interessadas: os próprios clubes.

O edital de licitação de venda dos direitos televisivos de 2012 dava uma vantagem à Rede Globo: a emissora poderia oferecer um valor 10% menor que os outros e ainda assim obter o direito de transmissão. Tal benefício era justificado pelo fato da emissora dar maior exposição aos clubes, já que conta com a maior audiência e melhor tecnologia de transmissão do que as suas concorrentes.

Tal vantagem, porém não satisfazia a maioria dos membros do C13, principalmente o Corinthians que não concordava com a licitação. Com isto, desligou-se do Clube dos Treze, e em sua nota de desligamento fez duras críticas:

“Ao Clube dos 13

Aos cuidados do presidente Fábio Koff

Desde meados do ano passado, o Sport Club Corinthians Paulista vem tentando obter esclarecimentos sobre as demonstrações financeiras do Clube dos 13. Foram necessárias duas solicitações para que a direção desta entidade prestasse algumas explicações sobre essas contas, valendo notar ser sua obrigação enviar mensalmente a todos os seus associados o balancete.

Ficamos surpreendidos com uma série de desmandos administrativos praticados pela direção do Clube dos 13 que já geraram, para a entidade um passivo transitado e julgado superior a R\$ 5 milhões e um potencial passivo

trabalhista de proporções ainda maiores face a contratações de profissionais a nível gerencial de forma irregular no mínimo ao longo dos últimos cinco anos.

Em diversas ocasiões deixamos claro nosso propósito de nos desligarmos do Clube dos 13 por diversas razões, e só não o fizemos porque entendíamos haver uma chance de, através de um diálogo construtivo entre todos os clubes associados, encontrarmos um modelo democrático e transparente de gestão para associação.

Fatos recentes, entretanto, evidenciaram nosso erro de avaliação. A forma irresponsável com que alguns membros da diretoria do Clube dos 13 e seu diretor executivo conduziram o processo da elaboração da concorrência com o propósito de aquisição e direitos de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro de futebol profissional a partir do ano de 2012 é, no mínimo, danosa aos interesses do Corinthians e dos demais clubes que integram a elite do futebol brasileiro.

O simples fato de durante a reunião de ontem na comissão de negociação do Clube dos 13 e seu diretor executivo, no meio das discussões, ter ligado para um alto executivo de uma das emissoras concorrentes para saber o que ele achava de uma deliberação que estava em discussão (confirmado por dois membros da comissão de televisão) e iria ser votada demonstra que este processo não está sendo conduzido com isenção e macula, de forma indelével, a lisura dos trabalhos que estão sendo realizados.

Em assim sendo o Corinthians comunica que a partir de hoje se desliga do Clube dos 13 e conduzirá negociações diretas com as empresas interessadas em adquirir os direitos de transmissão de seus jogos pelo Campeonato Brasileiro de futebol a partir do ano de 2012.

Atenciosamente,

Andrés Navarro Sanchez

Presidente do Sport Club Corinthians Paulista"

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2011/02/corinthians-esta-fora-do-clube-dos-13.html>

Podemos perceber, pelo conteúdo desta carta, que o C13 não estava cumprindo com pelo uma de suas obrigações estatutárias, que seria a de transparência administrativa, que seria realizada pelo envio regular, mensal, do balancete da entidade a todos os clubes que dele participam.

Não só o Corinthians discordava do modelo de licitação adotado pelo C13, os quatro grandes clubes cariocas (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco) também estavam descontentes, e apesar de não se desligarem oficialmente do Clube dos 13, ele anunciavam que iam negociar por conta própria os seus respectivos direitos de transmissões.

Apesar de negativa dos clubes cariocas e do Corinthians, a venda dos direitos televisivos prosseguia, e tinha como vencedora a “RedeTv!”, com uma oferta de 1,548 bilhões. Porém a emissora venceu, mas não levou. A Globo desistira da licitação e passara a negociar individualmente com cada um dos clubes e como tinha mais recursos financeiros acabou fechando com a maioria dos times. A RedeTv! então declarava o óbvio: Não iria transmitir os jogos, não seria satisfatória a compra dos direitos de televisão sem poder exibir jogos do Corinthians e do Flamengo, por exemplo, os dois clubes de maior torcida do Brasil. A Globo então se aproveitava de fato para negociar e fechar separadamente com todos os clubes.

A RedeTV! se sentiu injustiçada e entrou na justiça contra o C13, acusando o órgão por quebra de contrato, porém o Clube dos 13 conseguiu se defender alegando que a RedeTV! não tinha depositado o valor de 30% combinado para confirmar a oferta, e que o C13 como instituição iria acatar o contrato com a RedeTV!, porém foram os clubes que resolveram abandonar o processo.

Os clubes de maior torcida, que negociavam separadamente os seus direitos de transmissão, tinham uma segunda preocupação: além de conseguirem negociar uma alta

quantia de dinheiro, tentavam se colocar em níveis mais altos do que os outros clubes, dentro do cenário nacional, tentando fazer com que recebessem mais do que os seus concorrentes.

Vale uma pausa para explicar como as cotas de tv eram distribuídas entre os clubes antes deste episódio, e como a Globo reorganizou a distribuição do valor. Os clubes, antes, eram hierarquizados pelo C13 de acordo com os seus respectivos números de torcedores e de títulos; sendo assim, os clubes que mais recebiam dinheiro eram: Flamengo (41,6 milhões), Corinthians (40,5 milhões) e São Paulo (36,2 milhões). A partir da negociação direta dos clubes com a TV Globo, esta dividiu os 20 membros em grupos: no primeiro grupo ficou o Flamengo e o Corinthians, cada um ganhava um valor de 84 milhões de reais; no segundo grupo tinham o Vasco, Santos, Palmeiras e São Paulo, recebendo cada um 75 milhões; o grupo número três era composto por Cruzeiro, Atlético Mineiro, Grêmio, Internacional, Fluminense e Botafogo, onde cada um receberia 55 milhões. O grupo número 5 era o grupo chamado de convidados, e teriam que negociar o quanto ganhariam anualmente, já que era considerado grupo de risco, com maior chance de rebaixamento para a segunda divisão do campeonato brasileiro. Os clubes deste grupo que fecharam com a Globo para o ano de 2012 foram: Atlético-Go, Figueirense, Náutico, Ponte Preta e Portuguesa, recebendo 29 milhões .

Os clubes que tiveram o maior aumento foram os que mais se destacaram nas últimas temporadas, como o Corinthians, que conquistou o título da Copa do Brasil em 2009 e a trouxe de volta o jogador Ronaldo Luís Nazário de Lima, conhecido como Ronaldo Fenômeno, aumentando o valor a ser recebido. O Santos também tinha crescido, as promessas que se via no time, como Neymar Júnior e Paulo Henrique Ganso, além do título da Copa do Brasil de 2010 também faziam o time da baixada paulista ser bem cotado. O Flamengo também se destacava, já que havia sido campeão do Campeonato Brasileiro de 2009, e além disso, contava com um astro de importância tão grande quanto o do Corinthians, Ronaldinho Gaúcho estava defendendo as cores rubro-negras.

Após a finalização desse imbróglio, os membros do C13 fazem uma reunião na sede do órgão e decidem terminar com o Clube dos 13, por um motivo simples: a partir do episódio da negociação de direitos televisivos, os clubes chegaram a conclusão que o C13 não estava mais atendendo as suas exigências e por isso não deveria mais existir. Porém, tal atitude nunca foi realmente posta em prática, sendo rapidamente revertida. O C13 foi novamente “refundado”, porém com um novo estatuto e um novo papel definido. Agora, o Clube dos 13 passava a ter papel de pouca expressão nacional já que uma de suas principais funções – de

negociar as cotas televisivas – lhe foi retirada. Uma das justificativas foi que os clubes possuíam muitas dívidas, e o C13 ficaria responsável por intermediar empréstimos bancários, porém a justificativa mais plausível é a de que as acusações contra Ricardo Teixeira estavam cada vez mais intensas, e os clubes precisavam estar organizados, caso a CBF perdesse a sua autonomia.

Porém, todo esse processo não conseguiu fazer com que Kléber Leite (candidato apoiado por Ricardo Teixeira) fosse eleito, e o mesmo perdeu a eleição de presidência do Clube dos 13 para Koff (candidato a reeleição) por doze votos a oito. Flamengo, São Paulo, Palmeiras, Fluminense, Atlético Paranaense, Atlético Mineiro, Sport, Grêmio, Internacional, Guarani, Bahia, Portuguesa votaram em Fábio Koff. Corinthians, Santos, Cruzeiro, Botafogo, Goiás, Vitória, Vasco e Coritiba votaram a favor de Kléber Leite. Ficou decidido que Koff presidiria o C13 até o final de 2012, tempo necessário para o fechamento de conta dos órgãos, e então seriam convocadas novas eleições.

Talvez, o principal motivo que levou Kleber Leite a perder foi ter associado a sua imagem a CBF, e inevitavelmente a Ricardo Teixeira, que passava neste momento, por uma série de acusações de corrupção e outras irregularidades.

Porém há um detalhe a ser acrescentado: talvez a CBF não tenha sido a grande derrotada, pois se a ideia desta entidade era ter mais influência dentro do cenário político brasileiro, o objetivo foi parcialmente cumprido. Com a imensa perda de decisões do Clube dos 13, os clubes estavam separados entre si, e seria muito mais fácil para a CBF controlá-los.

Outro fato que não pode passar despercebido é uma alta extremamente grande nos valores recebidos da televisão. O Flamengo, por exemplo, de 41,6 milhões de Reais passou a ganhar 84! Porém há um detalhe interessante: a formação de uma possível pequena elite de clubes. Os valores recebidos por Flamengo e Vasco (dois rivais tradicionais e de mesmo estado), por exemplo, tem uma diferença anual de cerca de 29 milhões. Tal diferença entre os valores recebidos de um clube a outro podem criar uma pequena elite de clube, tirando uma das características mais marcantes nos times grandes do Brasil, e expressa no Campeonato Brasileiro: o equilíbrio.

Em suma, o ano de 2011 foi extremamente importante, não só para a construção do atual cenário político, mas também para o futuro do esporte no Brasil. Neste ano ficou clara

uma separação não só entre os clubes grandes e pequenos, mas entre os próprios clubes grandes entre si. Também fica mais claro o poder do quarto componente (o torcedor), ele agora é um dos principais responsáveis em mover e economia dos clubes, não de forma direta, com o próprio dinheiro, mas sim como forma de atração para patrocinadores, porém, continua com pouco poder decisivo dentro do esporte. E por último, podemos perceber que o terceiro componente (os órgãos), infelizmente, continua em turbulência, com problemas de organização, denúncias de corrupção, entre outras irregularidades, especificamente é possível perceber uma grande perda de poder do Clube dos 13, o que se reflete na desunião entre os clubes, já que este órgão é formado apenas pelos próprios clubes.

CONCLUSÃO

Dado todo o conteúdo deste trabalho, acredito que o objetivo geral e os específicos foram alcançados com sucesso. Esse trabalho contribui para um entendimento maior do que se passa no futebol profissional brasileiro, quais foram os eventos que marcaram o cenário político do futebol no Brasil, e acima de tudo, como cada um dos quatro componentes se insere nele e quais foram as suas contribuições para tal. Porém, creio que a política no futebol

é muito mais complicada do que a forma que foi desenhada neste trabalho, já que apenas analisando os fatos noticiados pela mídia se torna difícil compreender como funciona o futebol brasileiro; analisá-lo detalhadamente em seu interior, seria uma tarefa extremamente complicada. Para finalizar este trabalho, queria chamar atenção para dois fatos curiosos e que acontecem no futebol, não só brasileiro, mas como via de regra para todo mundo: os torcedores têm influência praticamente nula nas tomadas de decisões dos órgãos para estruturação de futebol; e os astros do futebol, que tem uma influência pública extremamente grande, pouco se manifestam sobre os rumos do futebol nacional. Apesar de todos os problemas, ainda existe uma paixão nacional por esse esporte incomparável, o que prova a verdadeira beleza que é esse espetáculo.

REFERENCIAS

BETING, Mauro. **Copa União 1987 e Clube dos 13**: a linha do tempo e do dinheiro. 25 fev. 2011. Disponível em: <<http://blogs.lancenet.com.br/maurobeting/2011/02/25/copa-uniao-1987-e-clube-dos-13-a-linha-do-tempo-e-do-dinheiro/>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

